

FRANCISCO DAS AVES

... CLARA E O SOL

O SEGREDO DE ASSIS

© 2014 – Conhecimento Editorial Ltda.

FRANCISCO DAS AVES

... CLARA E O SOL

O SEGREDO DE ASSIS

Todos os direitos desta edição reservados à
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA
www.edconhecimento.com.br
conhecimento@edconhecimento.com.br
Caixa Postal 404 – CEP 13480-970
Limeira – SP – Fone: 19 3451-5440

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio — eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação — sem permissão por escrito do editor.

Edição de texto:
Margareth Rose Fonseca Carvalho
Projeto Gráfico:
Sergio Carvalho

ISBN 978-85-7618-333-4
1ª Edição – 2014

• Impresso no Brasil • Presita en Brazilo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Givaudan, Daniel Meurois

Francisco das Aves ... Clara e o Sol — O segredo de Assis / Daniel Meurois-Givaudan. — 1ª ed. — Limeira, SP : Editora do Conhecimento, 2014.

ISBN 978-85-7618-333-4

1. 2. 3. 1. Título

14- _____ CDD – 133.9

Índices para catálogo sistemático:

1. Espiritualismo : 133.9

Daniel Meurois-Givaudan

FRANCISCO DAS AVES
... CLARA E O SOL
O SEGREDO DE ASSIS

Tradução de Julieta Leite

1ª edição
2014



*Dedico este livro muito particularmente
a Marie Johanne, para quem o Sol,
a Lua e as estrelas são como buracos no
assoalho das moradas do Eterno.
Com amor e gratidão, por seu
perfume d'alma...*

Sumário

A história de um convite	9
Foi num tempo não muito distante	13
Primeiras lembranças	15
Os chamados	32
Uma janela na alma	47
Pela Porta dos Mortos	56
A revelação das aves	70
A revelação de Damieta	84
As desilusões	109
Os pergaminhos de São Damião	125
O sangue e o óleo	137
A flor do cardo	153
O último cântico	161
O nome do amor	174

A história de um convite

Estranho foi o percurso da redação deste livro... Na realidade, as pedras que lhe prepararam o caminho foram assentadas uns cinco anos antes do início das suas primeiras linhas. Eram bem discretas, na verdade, e, se sua repetição frequente não tivesse acabado por chamar-me a atenção, sem dúvida eu logo as teria esquecido.

Essas pedras, qual um fio condutor, apresentaram-se sob a forma de algumas reflexões lançadas ao “acaso” em conversas com amigos e conhecidos...

Aqui e ali, diziam-me ter sonhado comigo, e o assunto era um livro que eu devia escrever sobre Francisco de Assis. Os sonhos nunca eram idênticos, mas sempre terminavam com a mesma mensagem.

Estes e outros comentários estenderam-se por mais ou menos seis meses; depois mais nada... Silêncio sobre o assunto. Houve então o surgimento de outros livros, sobre outros temas, que quase me fizeram esquecer o que eu vagamente havia chamado “O projeto Francesco”.

Quase, mas não completamente... Realmente, que tema de escrita magnífico o itinerário ao mesmo tempo místico e revolucionário desse Poveretto que iluminou toda a Idade Média pela beleza da sua alma!

Só que, para lançar-me num projeto assim, faltava-me, como aconteceu com todas as minhas outras obras, o que cha-

mo “um verdadeiro sinal do Céu”.

Para dizer a verdade, falar de Francisco de Assis pela mera beleza do assunto não tinha qualquer sentido. Em oito séculos, sua vida e obra já suscitaram milhares de livros. Por que lhes acrescentaria mais um?

Sim, por quê? A menos que tivesse acesso a novas informações... Quanto a mim, tal como me encontrava, nada de especial tinha a dizer, nenhum dado inédito. Da vida do pobrezinho de Assis, conhecia poucas coisas, como aliás acontece com a maioria de nós; devemos reconhecer.

Tudo isso levou-me a uma certa primavera em que, tarde da noite, uma voz bem audível veio colocar-se bem no centro do meu crânio. Era tão presente que não pude deixar de levantar-me e ir apanhar uma caneta para anotar de imediato o que ela me dizia. Grave caso de esquizofrenia segundo as normas da nossa sociedade, concordo... mas fenómeno clássico e coerente para aqueles que, entre os quais me incluo, sabem muito bem que a vida não se limita ao que nela vemos.

Um ser falava-me, e acabei por adivinhar-lhe a presença numa luz delicada que se mantinha verticalmente diante da minha escrivaninha. Quase imediatamente, através das linhas que fazia jorrar de mim sobre o papel, ela declinou sua identidade: Chiara... Clara de Assis.

Foi assim, nessas condições inesperadas, que nasceram as primeiras páginas do relato que o leitor tem entre as mãos. Somente as primeiras páginas, porque, sem a menor dúvida, escrever um livro dessa forma teria sido “muito fácil”.

Depois desse acontecimento decisivo – o verdadeiro sinal que eu aguardava –, ficava evidente que chegara minha hora de agir. A presença “em consciência” de Clara convidava-me explicitamente a penetrar-lhe na memória, através do labirinto das suas lembranças, para restituir um retrato diferente de Francisco.

Então, quase cotidianamente, durante longos meses, foi-me dada a chave para poder investigar à vontade no filme da Memória do Tempo ligado à alma de Clara de Assis e, às vezes, à de Francisco. É importante, pois, que aqui se compreenda bem que, embora este livro tenha para uns a aparência de um romance, ele relata tão somente a realidade de uma existência.

Inútil precisar que esse mergulho da minha própria consciência no coração das pegadas deixadas no espaço-tempo por Francesco e Chiara, depois por Agnes, irmã dela, teve para o homem que sou algo de desconcertante e emocionante. Mais desconcertante ainda quando me vi trazendo de volta informações capazes de modificar o olhar com que a História, e principalmente uma certa religião, os veem.

A natureza dessas informações – a que se deve o subtítulo desta obra, *O segredo de Assis*, a meu ver justifica plenamente o trabalho que me foi pedido. Cada um o julgará por si...

É um trabalho que foi realizado dia após dia, “às cegas”, isto é, sem um plano preestabelecido, em total ligação com as “presenças” contatadas e com a vivência da minha alma no fio do tempo.

Infalivelmente, a confiança e o amor foram-lhe os regentes, porque, para dizer a verdade, foi só no decorrer da redação que lhe compreendi a urgência e a pertinência. Com certeza, a revelação a que Francisco de Assis teve acesso no meio do seu caminho de vida poderia ter mudado a face do Cristianismo, se tivesse sido divulgada. Ela nos teria ajudado a sair de um dramático realismo ao unir-nos às fontes puras da mensagem crística, longe de censuras e manipulações.

Nesse sentido, não hesito em dizer — com alegria — que o testemunho que constitui este livro é perfeitamente herético... com relação ao dogma oficial da Igreja. Que não seja visto, porém, como uma manifestação de hostilidade para com ela, porque é uma tentativa pacífica de trazer à tona algumas verdades simples, tão simples que amedrontaram séculos de hierarquia eclesiástica. Faça-se o que se fizer, toda luz sempre acaba por sair do alqueire.

As páginas que se seguem não pretendem, por certo, traçar ponto por ponto uma biografia exata de Francisco de Assis. Pelo contrário, esperam fazer com que de novo exale o perfume d’alma que o habitou, pondo-lhe em evidência o ardente segredo, o segredo de Clara também, assim como o profundo amor que os uniu em torno das pegadas originais deixadas pelo Cristo realmente encarnado na Terra.

Certamente serão desmentidas se comparadas com grande

número de textos ditos autênticos, históricos, doutos e que receberam o *imprimatur*. No entanto, meu objetivo, repito, não é entrar em qualquer polêmica, por mínima que seja. Isso não teria nenhum interesse. Contrariamente ao que frequentemente se afirma, não creio que se prepare a paz fazendo a guerra.

Embora possa perturbar, este livro é antes de tudo um livro de amor. Se tira a mentira do seu esconderijo, é sem arrogância, com ternura e compaixão.

Espero que ele seja fiel à memória do sublime par solar formado incontestavelmente por Francisco e Clara de Assis. No meu coração de escritor-testemunha, ele é um grande convite à unificação e à felicidade...

Foi num tempo não muito distante

Foi num tempo não muito distante, parece-me. No entanto, digo-lhes, nosso mundo era um outro mundo...

Ano 1226! Um tempo de horrores e de ignorância, segundo alguns... Talvez! Mas, garanto-lhes, era antes um tempo de fervor, um século em que, ao nascer de cada dia, achava-se belo e nobre louvar ao Senhor pela luz do sol que se levantava.

O Senhor? Acreditávamos Nele como crianças! Ingenuamente sem dúvida... certamente mesmo. Nossa fé pueril, no entanto, fazia com que soubéssemos sorrir. Oh, sim! Apesar da fome e das guerras, apesar da morte também, que nunca andava muito longe.

É verdade, sabíamos sorrir... e acho que era isso que nos fazia criar asas e nos dava forças para realizar grandes coisas.

Pés nus, geralmente ... e sempre olhando mais alto, para o Céu, para aquela eternidade de que sabíamos ser feitos e cuja lembrança habitava nossa carne.

Naquele tempo, minha alma tinha escolhido o nome Chiara, que significa Clara, e lembro-me também de que ela tinha desejado nascer numa família de Assis, nos arredores perfumados daquele país que ainda não se chamava Itália. Tinha realmente desejado com toda obstinação. Vira que era lá, e não além, que tinha um encontro. Tinha contemplado tão distintamente o caminho em que era esperada, que devia achá-lo sem hesitar...

Ó Francesco! Meu pequeno, meu grande, meu doce Fran-

cisco! Eu sabia que esse caminho teria teu nome, um nome que sem dúvida não tinhas escolhido, mas que devia agradar ao Senhor. Talvez tenha sido ele, esse nome, que te tornou tão combativo e forte quando o vento soprava dentro de ti, de nós...

Francisco... Lembro-me de que me disseste um dia ter murmurado o nome João¹ ao ouvido daquela que te pôs no mundo, numa bela mansão no alto da colina, entre as oliveiras. Tu o achavas mais meigo porque era o nome do irmão-apóstolo distante que tanto havia amado o Senhor Jesus. Esse nome traduzia melhor o canto do teu coração.

Francesco, Francisco, era antes a marca de teu pai, seu sinete, sua assinatura, como uma recordação de comércio ou de batalha. Uma cicatriz de guerra, me confidenciaste... Restos de uma velha armadura que querias largar para sempre. Se era isso, meu amigo, meu irmão de alma, jamais duvides de que o conseguiste.

Pelos caminhos e na Galileia do teu coração não te tornaste realmente semelhante a João, aquele que tanto O amou? Não o ressuscitaste em ti?

Sim, sei que te pareceu longa essa viagem de terra pela qual te reencontraste para melhor mostrar-nos o Sol, a Lua e as estrelas. Ela te pesou também, a cada passo.

Por isso teve que acabar tão cedo? Foi por isso? Nela vias o Céu, no entanto... e o Céu te amava!

¹ Ao nascer, efetivamente Francisco recebeu o nome João. Foi seu pai que, ao retornar da guerra, impôs o nome Francesco como lembrança dos seus combates ao lado dos “francos”.

Primeiras lembranças

Naquela manhã, acordei sobressaltada. Pela claraboia da minha cela, mal emergiam os primeiros clarões da aurora.

Imediatamente sentei-me sobre a minha enxerga, puxando para mim o velho manto que me servia de coberta. Minha cabeça estava tomada por uma espécie de febre fria e não conseguia livrar-se de um sonho muito estranho...

Seria um sonho, aliás? Não, não podia ser... Era ele, Francisco, que queria dizer-me alguma coisa. Tinha acabado de vê-lo, ali, a dois passos de mim. Estava de pé sobre a erva, e tinha erguido ligeiramente a barra da sua veste o suficiente para que eu visse seus pés... Estavam em decomposição... Era terrível, e no entanto eu não senti medo.

“Vem, Chiara, vem!”, ouvi então. Eram as palavras que tinham me acordado, fazendo meu coração bater tão violentamente no peito. Não esperei nem mais um instante. Calcei minhas sandálias impregnadas pelo frio do chão, peguei meu manto e empurrei a porta baixa do lugar onde eu dormia.

Teria ficado louca? Que estava acontecendo comigo, que tantas vezes me impedira de ir visitar meu amigo d'alma, lá embaixo no vale? Mal se enxergava lá... Que iria dizer às outras a quem recomendava tanta discrição? Nada agora importava. Uma força me impelia e eu não procurava mesmo resistir-lhe.

Andando às cegas pelo corredor para o qual davam quase todas as celas da nossa Comunidade, adivinhei, por uma porta

entreaberta, a silhueta da minha irmã Agnes e de duas outras companheiras. Aqui, ali, tossiam. Não deviam ver-me sair... Não queria ter de me explicar. Ia para o vale visitar Francisco, como ele me pedia, e era tudo...

Por sorte, a porta da nossa casa, situada logo atrás da igreja de São Damião, não rangeu. Quanto às portas da cidade, dois guardas transidos de frio acabavam de levantar-lhe a trave. Meio adormecidas, as sentinelas não disseram uma só palavra; com ar aparvalhado, apenas me cumprimentaram com uma exagerada demonstração de respeito que me deixou constrangida.

A partir daí, lembro-me de ter descido o caminho que corria serpenteando por entre oliveiras e carvalhos-anões. Poderia torcer os tornozelos, mas... nada disso! Havia sempre aquela força que não me abandonava e que me dava a impressão de estar flutuando acima dos obstáculos. Apenas uma prega da minha roupa ficou presa numa grande moita de cardos, obrigando-me com isso a recobrar o fôlego.

Quando levantei a cabeça para continuar minha corrida, uma forma humana apareceu diante de mim, numa curva. Era de um homem que se esforçava por correr. Alguns instantes depois chegávamos frente a frente. Reconheci o Irmão Leone, vestido apenas com sua roupa de tecido grosso, rasgada nos joelhos por causa do seu trabalho nos campos. Resfolegando, mal encontrou força para balbuciar três frases:

— O Senhor seja louvado! És tu, Irmã Chiara. Vem depressa! Irmão Francesco manda te buscar... Está partindo, me parece.

E quando Irmão Leone acabava de falar, as últimas palavras foram sufocadas na garganta num soluço reprimido.

Não me perguntou por que eu estava lá, sozinha, a uma hora tão indecente para os nossos hábitos. Sem dúvida adivinhava-o. Tínhamos vivido tantas coisas que a cumplicidade do Invisível não era motivo capaz de surpreender nossa alma.

Não tive vontade de questionar Irmão Leone. Como, por que... nada disso tinha importância. Era preciso chegar o mais rápido possível ao refúgio no vale, aquele encostado à capela que Francisco tinha restaurado tão bem com suas próprias mãos.¹

1 A capela de Porciúncula hoje englobada na Basílica de Santa Maria dos Anjos.

Atrás do irmão, pus-me a correr como podia, repetindo a cada passo o nome de Nosso Senhor, na esperança de Nele encontrar força e vontade.

Força e vontade... era o que ele sempre nos tinha pedido; ele que agora ia partir...

Sob um céu que se tornava mais branco, as paredes do refúgio e o telhado da capela finalmente apareceram na curva do caminho por entre o arvoredor, os espinheiros e as ervas altas.

— Foi no celeiro que serve de hospital que o instalamos. Ele não queria... quase tivemos que forçá-lo.

Irmão Leone – Frate² Leone, como o chamávamos – estava exausto quando empurrou a porta da pequena construção diante de mim. Ignoro por que, mas devo dizer que uma alegria estranha apoderou-se então do meu coração, uma alegria que me dava vontade de chorar. Baixei a cabeça e penetrei sob o pórtico.

Lá, enfileirados, havia alguns feixes de palha e as rodas de uma charrete. A peça, razoavelmente ampla, havia sido dividida em várias partes por velhos lençóis suspensos nas traves, dando assim a ilusão de criarem um pouco de intimidade. Ouvi orações que estavam sendo recitadas em latim, e meu coração pôs-se a bater cada vez mais forte enquanto que minha inexplicável alegria não me abandonava.

— Francesco... – surpreendi-me murmurando em meio à minha própria oração. – Francesco...

Irmão Leone então passou à minha frente e me levou para o fundo da peça, onde uma janela estreita deixava filtrar a fresca claridade da manhã.

Francisco estava lá, estendido num catre, e três irmãos sentados ao lado dele, no chão, salmodiavam ladainhas.

Contive-me para não deixar escapar sequer uma breve exclamação. Ele tinha mudado tanto... Mal fazia uma estação que não o via. Ele não queria, aliás não queria mais ver ninguém.

Exausto, sempre em oração, tinha conversado comigo só alguns minutos sob a amendoeira que ficava a dois passos da capela. Quase já não enxergava mais e compreendi perfeitamente que não queria mostrar-se assim por um certo pudor.

² *Frates*: frades, freis.

Dera-me alguns conselhos quanto à boa administração da Casa das Damas Pobres, que estava a meu cargo; depois, como tinha olhado para ele com um ar visivelmente preocupado, concluiu, acrescentando meio triste:

— Não te preocupes, Chiarina... é só alguma coisa que está cansada...

Chiarina... Era assim que ele me chamava quando tinha certeza de que ninguém mais o estava ouvindo.

Vendo-me aproximar-me do catre, um dos irmãos que estavam orando afastou-se para o lado, a fim de que eu pudesse acomodar-me no chão. Creio que quase me deixei cair inconscientemente. Na verdade, meu olhar não conseguia desviar-se do rosto de Francisco. Mal o reconhecia. Ele, que antes já era tão magro, agora não passava de um pergaminho amarelado e percorrido por sulcos como um campo bem lavrado.

Eras mesmo tu, Francesco? Como chegaste a isso, tu, a quem o Senhor Deus tinha dado tanto; tu, que tanto O tinhas amado também? Sabe como me fiz esta pergunta? Ela não me atormentava. Não... Procurava somente compreender teu mistério. Sorri... e foi nesse momento, lembro-me, que abriste ligeiramente os olhos.

— Aproxima-te, minha Irmã, ele não te enxerga – murmurou Frate Leone inclinando-se na minha direção.

— Para de dizer bobagens, Leone!... Talvez já não veja grande coisa, mas ouço bem...

Doce e áspera ao mesmo tempo, em razão do esgotamento que traduzia, a voz de Francisco quase nos assustou, já que não a esperávamos.

— Tu me chamaste, Francesco?

Ele fez um sinal afirmativo com a cabeça, enquanto Irmão Elias, à sua esquerda, tentava dissuadi-lo de erguer-se apoiando-se nos cotovelos.

No mesmo instante, dei-me conta de que, contrariando o regulamento interno da nossa Comunidade, simplesmente o tinha chamado pelo prenome.

Imediatamente senti o olhar reprovador de todos os que estavam lá... mas não me importava. Era a alma de Francisco que eu tinha ido encontrar; a alma que me havia revelado o

caminho, não o fundador da Ordem.

— Pois bem, que... Que tendes vós todos?

Fazendo-nos novamente estremecer por sua reação, Francisco fechou os olhos lentamente.

— Deixai-me só com Irmã Chiara – murmurou então entre dois acessos de tosse. Ide...

Houve um silêncio e adivinhei que os quatro homens se olhavam embaraçados.

— Mas... é contrário à nossa regra – gaguejou enfim um deles. — As mulheres...

— Ora! As regras são feitas para os homens, meu irmão. Os homens mudam e passam. Logo quem passará sou eu...

A voz de Francisco tornara-se de repente mais vigorosa; senti-me corar pelo mal-estar que eu estava provocando.

Por um instante que me pareceu interminável, ninguém se mexeu; depois Francisco deu um longo suspiro que falava de impaciência. Só então os quatro monges se levantaram. Ouvimos afastar-se sem uma palavra, depois sentar-se finalmente no outro lado da peça, atrás da fileira de uma dezena de lençóis pendurados. Enfim a porta do hospital girou sobre os gonzos... certamente um dos monges preferira sair.

— Apaga essa vela por favor, *Sorella*.³ Não se deve desperdiçá-la. Eles gastaram duas esta noite... Não consegui impedi-los.

Estendi minha mão acima de uma chamazinha que crepitava num canto da parede e de repente vi o rosto de Francisco mudar. Um largo e meigo sorriso pôs-se sobre seus lábios. Acho que fiquei olhando muito tempo para esse sorriso; não se movia, parecia à espera de alguma coisa. Disse a mim mesma que ele parecia estar saboreando uma antiga timidez... Sim, Francisco era tímido; conhecia-o suficientemente para saber que durante toda vida tinha lutado contra esse traço de caráter, e que tudo que havia realizado devia-o apenas à sua coragem. Força e vontade...

Nem mesmo tinha dezesseis anos quando o vi pela primeira vez... Quero dizer, quando me dei conta de que ele existia. Foi na época em que minha família havia decidido morar de novo em Assis. Tínhamos lá uma bela mansão que meu pai tinha resolvido abandonar até que alguns problemas de enfrentamen-

³ *Sorella*: irmã.

tos armados fossem resolvidos. Quanto a mim, eu não entendia nada... Via somente que condes e príncipes estavam sempre guerreando.

Quando notei Francisco pela primeira vez, ele logo me fez pensar num deles, embora fosse simples filho de plebeu, como dizíamos. Eu estava na praça junto à fonte e de repente ele apareceu orgulhosamente num fogoso cavalo malhado, com três ou quatro companheiros. Achei-o lindo na sua túnica com reflexos dourados. Confesso que teria gostado que me olhasse, mas por que o faria? Dizia a mim mesma que eu era jovem demais e principalmente muito insignificante... Teria eu pressentido que aquele dia iria marcar a aurora de uma nova vida e que seu olhar nunca mais sairia do meu coração?

— Em que estás pensando, Chiarina... Estás silenciosa...

Francisco havia entreaberto de novo os olhos.

— Estava rezando...

— Tens certeza?

Reconhecia ali perfeitamente a maneira que sempre tivera de penetrar na alma dos outros.

— Era uma prece íntima...

— Uma lembrança?

Pela segunda vez desde que tinha chegado, senti-me corar e não pude impedir-me de reajustar meu véu na cabeça.

— Uma lembrança de nós? Tens vergonha dela?

Sua voz estava quase extinta.

— Eu não... Em todo caso, agora não tenho mais. Pedi paz a Nosso Senhor... Ele me respondeu que sempre me tinha oferecido, mas que eu nunca sabia abrir minha mão o suficiente. Meses depois, consigo um pouco melhor... enfim, acredito. Conta-me... conta-me para que eu saiba se é realmente verdade, se não tenho mais vergonha...

— Contar-te...? Francesco...

Não vi onde Francisco queria chegar. Talvez estivesse com febre? Nunca tinha falado assim antes. E os outros três que estavam sentados no fundo da sala... Bem que deviam estar tentando ouvir tudo aquilo! Ouvia-os rezar, mas... somos todos tão fracos!

— Será esta a hora de esquadriñar o passado, meu irmão?